

A GREVE E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS NO DISCURSO DA IMPRENSA BRASILEIRA

Edjane Gomes de Assis (UEPB)
assisedjane@hotmail.com

1. Considerações iniciais

“O discurso está na ordem das leis”. Com estas palavras de Foucault (2000, p.7), observamos que o dizer está diretamente relacionado ao lugar e, sobretudo às instâncias de que o regula. É o que acontece com o discurso da imprensa. Um Aparelho Ideológico, que atua de modo ativo em nossa prática diária. Quando abrimos um jornal, uma revista, ou ainda, quando assistimos a um telejornal, não podemos “enxergar” as estratégias discursivas e os mecanismos de poder que alicerçam as notícias. À luz dos pressupostos teóricos da Análise do discurso francesa, sobretudo na esteira dos articuladores Michel Foucault e Michel Pêcheux, dentre outros teóricos da AD, analisamos como as lentes do jornalismo, mais especificamente os periódicos *Folha de São Paulo*, *O Globo* e o telejornal *Jornal Nacional*, projetaram para o público brasileiro, o movimento grevista articulado por vários órgãos federais, dentre as quais, destacamos a greve das universidades federais. Para tanto, investigamos como os sentidos promovidos pela mídia adquirem *status* de verdade, revestidos no entrecruzar de vozes, de ditos e não ditos.

Atualmente, observamos um discurso (assumido pelos professores em greve, dentre outras categorias do país), que consideram a mídia como um mecanismo de manipulação, que responde por interesses econômicos. Contudo, é necessário comprovar com base em teorias e na tessitura dos discursos, em que, de fato, residem tais questionamentos. Antes, porém, é necessário atentar que vivenciamos uma época em que predomina a cultura da imagem – o que nos tem “obrigado” a estabelecer novos modelos de interação. É significativo, assim, observar que as “verdades” construídas pela mídia, em sua maioria, não passam do que Foucault chama de “jogos de verdade”. Os dizeres ressurgem de modo fragmentado, constituídos de silêncios significativos. Resta-nos, pois, utilizar um olhar plural para o que nos revelam os dizeres das matérias; de que lugar fala tal veículo, e como os enunciados são utilizados dentro de formações ideológicas determinantes e reguladoras. O relato sobre as várias greves que tem surgido no país nos últimos meses funcionou, deste modo, como uma espécie de terreno fértil para a divulgação de ideias elitistas e conservadores de alguns setores da sociedade, sobretudo a imprensa brasileira.

2. A greve: um movimento de resistência

Quando no final da década de sessenta, na França, Michel Pêcheux passa a considerar o discurso enquanto um dispositivo teórico, uma estrutura, mas também, um acontecimento, vê-se que os estudos linguísticos retomam outros olhares que não estavam, necessariamente, presos ao caráter estrutural da língua. Inserir o ideológico e o sujeito *do* e *no* discurso significa ver e entrever que as condições de produção determinam e regulam o processo de discursivização. Falamos sempre a partir de uma posição e um lugar que ocupamos na instância social. A AD proposta por Pêcheux evidencia uma intrínseca relação entre língua e história. É na historicidade do sujeito mediado pelo ideológico, que o discurso se configura e se cristaliza na esfera social.

Para ele é necessário “tomar primeiramente como tema o enunciado; partir da relação entre Marx e Aristóteles como ciência da estrutura e fazer uma relação entre a análise em descrição e a análise com interpretação”. (Pêcheux, 1997, p.17). Neste sentido, o que seria interpretar segundo as lentes da AD? Interpretar significa analisar a linguagem figurada de discurso, a partir dos efeitos de sentido que são produzidos. Estudar o discurso sobre a greve na imprensa brasileira significa analisar estes efeitos de sentido que entram em relação singular nas instâncias sociais. Nada é proferido sem que esteja ancorado por uma condição, um ponto de relação com o objeto enunciado.

No discurso midiático, particularmente, temos a ideologia do veículo de informação que faz circular, cristalizar e regimentar um dizer revestido de “verdade”. Para entendermos como se dá este processo discursivo que tem ocupado os noticiários nos últimos dias, recorreremos ao que Pêcheux (1995, p.150), defende em sua análise. O teórico afirma que é necessário considerar três regiões fundamentais: a *subjetividade*, a *discursividade* e *descontinuidade das ciências/ideologias*. São três regiões que estão interligadas quando analisamos um texto em busca dos efeitos de sentido que o constitui. Tais regiões aparecem, neste evento (matérias sobre a greve), com características disciplinares emolduradas pelo discurso da verdade e credibilidade dos fatos. Assim, quando se pensa em texto, se pensa em sua materialidade articulada com a historicidade. Ler significa exercer um trabalho de “escuta” dos sentidos que estão atravessados na instância discursiva.

Ao lado de Pêcheux e suas significativas e necessárias contribuições, temos Foucault, sobretudo em sua análise sobre o poder. É quase que impossível, diríamos um verdadeiro exercício de fôlego, descrever todo o estudo de Foucault acerca da análise que faz sobre o poder. O próprio teórico afirma que sempre observava em análises já sedimentadas na Academia, um estudo sobre o poder, mas sempre o tomando enquanto uma figura do bem ou do mal. Contudo, ele destaca que o poder nem é estável, nem regular, mas é dinâmico, circula e atua na descontinuidade do dizer. Outro ponto a ser destacado em Foucault reside no aspecto de que o poder não atua “fora” do sujeito, mas faz parte de sua própria constituição, agindo em seu modo de pensar e construir seu olhar acerca dos objetos simbólicos.

Em seu estudo sobre o nascimento da clínica, por exemplo, bem como, os procedimentos da medicina, ou ainda na história da loucura, Foucault observa que o poder controla e é controlado através de jogos de relação. Determinar quem era louco ou são, quem poderia utilizar tal procedimento e não outro, definir os instrumentos da “cura” só é possível porque há todo um conjunto de leis, de regras que vão determinar as relações sociais e o lugar de onde falam os sujeitos e como exercem o poder, e ainda, que mecanismos utilizam para isso. Na verdade, ao longo do tempo a sociedade sempre imprimiu formas de resistências diante de um poder constitutivo. No entanto, a vigilância e punição sempre apareceram com o intuito de arregimentar ou cercear quem se opunha a tal poder. Em *Vigiar e Punir* (2009), Foucault mostra que sempre houve formas de punição para aquele que cometia algum “delito” conforme determinam as leis e códigos que disciplinam a sociedade. Nesta ótica, a própria definição do que seria crime ou não, é determinada por esta relação de poder que é conduzida pelos sujeitos autorizados. O corpo do aprisionado pertence ao Estado que é responsável por ditar a forma como este corpo será punido. Das formas de encarceramento, até o modo como se devia morrer (guilhotina, fuzilamento, cadeira elétrica, injeção letal, entre tantos métodos), a sociedade vai definindo formas de punir este corpo que transgrediu as leis estabelecidas. Desse modo, cada sociedade, em cada época e lugar legalizou, oficializou, determinou os instrumentos de punição e de vigilância com o discurso de preservação da ordem, da moral, da disciplinariedade dos corpos. Mas, onde há poder,

há resistência e analisá-la, significa tomá-la enquanto uma “nova” forma de poder. Segundo Foucault a investigação das resistências se faz necessária para que se consiga analisar como funciona o maquinário do poder: “As relações de poder não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência”. (FOUCAULT, 2007, p.106). Diríamos, pois, que a greve compreende um mecanismo de resistência em sua forma mais radical. Enquanto modo de resistência, a greve se configura por um silêncio local (a paralisação do trabalho), mas um movimento definido enquanto um protesto, um discurso de luta, reivindicação. Seria, então, uma estratégia também de poder. Um poder de não sujeição, um poder que diz “não”, um mecanismo que resiste a um poder maior numa sociedade hierarquizada.

A história data o início da greve no Brasil ainda no século XIX. Com o início do processo de industrialização e o crescimento da classe trabalhadora, o país passa por profundas transformações no trabalho, e as reivindicações pelos direitos salariais, ganham amplitude. Surgem, assim, os movimentos sindicais como forma de organização e sistematização de tais reivindicações. Para tanto, aparece a figura do “presidente do sindicato” que serve de elo entre trabalhadores e patrões. Dentre várias figuras no país que se destacaram pelos movimentos grevistas e organizações sindicais, temos o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Seu passado está diretamente relacionado ao movimento grevista e sua atuação enquanto interlocutor do Sindicato dos Metalúrgicos e de onde surgiu o PT (Partido dos Trabalhadores).

O movimento de resistência materializado na greve ressurgiu de várias formas, conforme o caráter reivindicativo: Há uma chamada *Greve branca* que seria apenas uma paralisação parcial; a *Greve geral* - Paralisação de uma ou mais classes de trabalhadores, de âmbito nacional; *Greve de fome* quando o grevista recusa alimentação até ser atendido; e a ainda, há uma *Operação-padrão* - uma modalidade de reivindicação que compreende uma postura lenta, caracterizada pela morosidade das atividades, chamada também de “operação tartaruga”, conforme vem atuando a Polícia Federal, nas últimas semanas.

As notícias sobre as greves surgidas no país, nos últimos meses, tem sido uma constante na imprensa brasileira. Até o final do mês de agosto, o Brasil tem aproximadamente 25 (vinte e cinco) categorias com suas atividades paralisadas e outras apenas paralisadas parcialmente. O que objetivamos a partir de uma análise discursiva, é compreender como os sentidos são projetados pela imprensa, acerca do que configura, de fato, a greve destes últimos dias. Entendemos, inicialmente, conforme está regulamentado nos próprios manuais dos veículos de informação, que a mídia se denomina enquanto um mecanismo de poder, formador de opinião que se reveste de um discurso da verdade, de parceria com a sociedade, sendo sua prestadora de serviços e apregoa ainda, o discurso de total isenção de ideais governamentalistas. É o que encontramos, por exemplo, no manual de procedimentos e princípios das *Organizações Globo*: “As Organizações Globo são independentes de governos, e os seus veículos devem se esforçar para assim ser percebidos”.

3. O discurso da imprensa e seus “jogos de verdade”

Ao estudar o discurso midiático Chareudeau (2006), afirma que há neste discurso, uma *verdade* e um *lugar de verdade*. A primeira, não é da ordem empírica, se baseia na evidência; se realiza através de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica. Já o *lugar de verdade* configura algumas características bem particulares: consiste no “acreditar ser verdadeiro”; se baseia na convicção; surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compatível com outras

peessoas. Mas, como as “verdades” articuladas pelos jornais *Folha de São Paulo* (09/08/2012) e *O Globo* (17/08/2012), e ainda, o telejornal *Jornal Nacional* (exibido em 22 de maio de 2012), da Rede Globo apresentaram as notícias sobre a greve nas universidades federais? Como os dizeres retomam outros sentidos e que aspectos ideológicos estão constituídos em tais dizeres?

No discurso midiático, não adianta apenas dizer o que aconteceu, mas sim, que este dizer venha carregado de efeitos de sentido, projetando outros ângulos do fato, e acima de tudo, instigando o olhar do sujeito à construção de gestos de interpretação. Vivenciamos uma “nova” forma de contar os fatos; uma história entrecortada, emoldurada pelos gêneros digitais, nesta era tecnológica. E, é neste aparato de imagens simbólicas que a mídia se constitui e vai formulando estratégias para atingir o imaginário social, cujos efeitos de uma representatividade fazem com que os dizeres produzidos nas matérias, com seus ditos e não ditos adquiram efeitos de verdade. Assim, Foucault prefere falar em “jogos de verdade”. Um processo articulado por uma “relação de forças” necessárias para a circulação do poder. É um “jogo” porque envolve estratégias e articulações para se chegar a um determinado fim. Não se refere ao que seja “verdadeiro ou falso”, mas as condições que são postas no processo de discursivização que contribuem para o desenho dos efeitos da “verdade”.

Cada sociedade imprime seus regimes de verdade, ancorados em articulações regulamentadoras desta verdade, e no discurso jornalístico isto ressurge com base em várias estratégias. Foucault problematiza a “verdade” articulando-a com um jogo de relação e na mídia, mais especificamente, teríamos um modo de representação atuante no universo social. Isto significa dizer que os sentidos produzidos pela mídia, sobretudo em veículos já conceituados no país, adquirem *status* de verdade, moldando a opinião dos sujeitos. No acontecimento tratado - a greve - vemos que nos últimos dias, os jornais noticiam o fato articulando-o com outros ditos que aparecem no interdiscurso, nos lugares da memória, uma memória que fala – memória discursiva.

3.1 A perspectiva ideológica da *Folha de São Paulo*

Vejamos, então, como o periódico *Folha de São Paulo* (edição 09/08/2012) noticiou ou acompanhou a greve das universidades federais. O periódico *Folha de São Paulo* surge em 1º de janeiro de 1960, como resultado da fundição de três jornais *Folha da Noite* (1921), *Folha da Manhã* (1925) e *Folha da Tarde*, fundado após 24 anos. É conhecido como o primeiro periódico a utilizar técnicas de impressão com um aspecto moderno e atual – fotocomunicação. A matéria veiculada pela *Folha* aparece com os seguintes enunciados:

Protestos de servidores federais causa lentidão na av. Paulista

Um protesto de servidores de diversos órgãos federais que estão em greve interditou parcialmente a avenida Paulista na tarde desta quinta-feira. O bloqueio ocorreu em duas faixas no sentido Consolação, na altura da rua Augusta. Segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), o trânsito foi liberado por volta das 16h, mas ainda causava congestionamento de 3 km, desde a rua Vergueiro¹.

¹ www.folha.uol.com.br/cotidiano

A matéria da *Folha* vem acompanhada de uma imagem (fotografia da passeata dos servidores), juntamente com a legenda “Servidores públicos federais fazem passeata na avenida Paulista em São Paulo”. Vejamos:



Figura 1: Protestos dos servidores federais em greve. Foto de Adriano Vizoni/Folhapress. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br>

Os enunciados apresentados pelo jornal são constituídos por efeitos de sentido conforme o lugar e posição que responde na instância social. A partir do título da matéria observa-se que são evidenciados os “transtornos” causados pelos protestos. Logo, num primeiro momento, temos a focalização para as consequências em detrimento das causas de tais protestos – um aspecto materializado nos enunciados “causa lentidão”. Os elementos articulados entre o verbal e o não verbal respondem por uma ordem que regula o dizer. E nesta ordem, temos “jogos de verdade”, mecanismos discursivos modalizadores. Neste sentido, o jornal atua enquanto a voz da sociedade com o objetivo de mantê-la informada acerca dos fatos cotidianos. No entanto, esta “informação” aparece com nervuras de um discurso que pretende formar uma opinião que aqui seria: produzir a imagem dos servidores federais para o público brasileiro. São processos de subjetividade alicerçados pelo período para construir vilões e mocinhos, um misto entre o que seria o acontecimento factual e o que seria o ficcional, fruto dos modos de representação do dizer midiático.

Em outro momento, ao longo da matéria, aparecem no intertítulo os seguintes enunciados:

TRANSTORNOS

Motoristas e pedestres que passam pela avenida criticam os transtornos causados pelo protesto.

O título “transtornos” e os dizeres postos logo em seguida, apontam para a greve como um mal à população, sobretudo os moradores de São Paulo. Mas, primando pela objetividade da informação, o jornal recorre ao discurso citado que aparece na voz de dois sujeitos determinantes para o sentido construído na matéria:

O taxista Tiago Lacerda Salvino conta que demorou 15 minutos para fazer um trajeto que normalmente faria em 3 minutos. Já a doméstica Edna Alves era uma das pessoas que lotavam um ponto de ônibus da avenida. "Estou esperando a linha da Lapa [zona oeste] há pelo menos 30 minutos e nada", disse. (<http://www1.folha.uol.com.br>).

A citação de outros sujeitos que fazem parte deste cenário discursivo materializa o caráter polifônico do jornalismo, mais especificamente, na articulação e edificação do dizer da *Folha de São Paulo*. Estes sujeitos ocupam um lugar significativo para o que se propõe o jornal. Eles simbolizam o povo brasileiro, a classe trabalhadora. São pessoas comuns (taxista e empregada doméstica), que dependem de seu trabalho para sobreviver. Conforme se observa no interdiscurso da matéria, os protestos funcionam como um “empecilho”, uma “pedra no caminho” destes sujeitos, já que os cerceiam do direito de ir e vir. E mais adiante, já em último plano aparece a pauta de reivindicação dos funcionários:

A pauta do funcionalismo federal reivindica reajuste de 22,08%, manutenção da jornada de 30 horas sem redução de salário, concurso público, melhores condições de trabalho e mais verbas para o setor público. (<http://www1.folha.uol.com.br>).

No discurso midiático, cada enunciado, bem como o lugar que cada um ocupa na matéria, exerce uma função primordial para os sentidos e as verdades que se procura estabelecer. A *Folha de São Paulo*, atua enquanto uma voz já cristalizada na sociedade: greve significa transtorno, retrocesso ao desenvolvimento do país, um mecanismo de poder que promove a desorganização do sistema. A função enunciativa presente nos títulos da matéria, os aspectos polifônicos, o jogo de imagem com a legenda e demais ditos, recuperam a imagem de que estes funcionários federais que protestam estão atuando como vilões e são responsáveis pela desordem do país. O poder midiático busca regimentar o público para a verdade “fabricada” neste modo de representação da “verdade”, “credibilidade”, e “objetividade” da notícia. Vejamos a seguir os efeitos de sentido instaurados em *O Globo*:

3.2 Silêncio e sentido em *O Globo*

O jornal *O Globo* (17/08/2012) mediado pelo portal g1.com.br, também promove movências de sentido, ao abordar a greve nas universidades federais. *O Globo* foi fundado por Irineu Marinho em 29 de junho de 1925 e é sediado no Rio de Janeiro. Pertence ao grupo *Organizações Globo*, a Rede Globo de Televisão e a Editora Globo. As notícias da greve surgem no portal G1 com os seguintes enunciados:

Greve deixa notas pendentes e atrasa calendário em universidades mineiras

Na UFMG, estudantes frequentam apenas estágios e projetos de pesquisa.

Saiba como está a situação em outras universidades do estado.

A matéria sobre a greve nas universidades federais, mais especificamente a UFMG, retoma o mesmo discurso da matéria anterior apresentada pela *Folha de São Paulo*. São evidenciados, novamente, os “prejuízos” da greve, com ênfase no atraso do calendário. A articulação com a imagem reproduz outros efeitos de sentido:



Figura 2: Imagem da sala de aula da UFMG.

Legenda: Sala da UFMG está vazia. (Foto: Alex Araújo/G1)

Vemos, nesta articulação entre os enunciados e a imagem a presença de silêncios determinantes de “jogos de verdade” que são produzidos na matéria. Quando evidencia a cena de uma sala de aula vazia, conforme afirma a própria legenda, vemos que o dizer emoldura uma lacuna produzida pela greve. Neste ângulo, a imagem de uma sala sem alunos e sem professores, contribui para o efeito nocivo da greve, um retrocesso à educação, algo que novamente promove uma deseducação. A fotografia, assim utilizada pelo jornal, funciona como uma “isca” para atrair o leitor, opera como um dispositivo de memória, quando mostra uma outra realidade na universidade: salas vazias, ausência de alunos e professores, configuram um silêncio que significa o atraso na educação, um discurso materializado nos enunciados: “A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mais parece uma cidade-fantasma”. Vejamos:

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mais parece uma cidade-fantasma. Alguns poucos estudantes encontrados pelo G1, nesta sexta-feira (17), no Campus Pampulha, em Belo Horizonte, estavam no local porque faziam parte de algum projeto acadêmico ou por causa de um estágio. A greve na instituição começou no dia 19 de junho, um mês após o início da paralisação nacional. O calendário letivo do segundo semestre já está atrasado, o que preocupa estudantes.²

Até então, não é apresentado ao leitor, o real motivo deste movimento de resistência dos professores federais. A manchete da matéria em relação dialógica com a fotografia, focaliza os efeitos nocivos da greve. Em *As Formas do Silêncio* (2000), Orlandi estuda os sentidos silenciados na época da censura no país, e problematiza o que chama de *silêncio local*. Na perspectiva discursiva, o silêncio não significa um vazio de sentido, um emudecimento, mas um espaço conduzido por mecanismos interdiscursivos – os não ditos. A imagem acompanhada de sua legenda, embora busque mostrar um silêncio provocado pela greve - motivo de prejuízo à sociedade – “informam” que tal silêncio produz sentidos outros, discursos outros que não estão presos a um lugar específico, mas atuam na descontinuidade do dizer. Dentre as reivindicações por uma reestruturação do plano de carreira, salários mais justos e melhores condições de trabalho, os professores se queixam da recusa do Governo em negociar.

² [www.http://g1.globo.com](http://g1.globo.com)

O jornal dialoga com seu leitor, ao propor outros *gestos de interpretação*. Sustentado pelo discurso legitimado e assegurado pelos mecanismos de poder na instância midiática, a greve aparece como um procedimento de resistência que desestrutura o país e vitima os alunos, bem como a sociedade brasileira. Hernandes (2006, p.23), faz a seguinte afirmação: “Quando um jornal constrói um discurso em que afirma mostrar a realidade, já está utilizando um recurso de persuasão.” A realidade compreende um modo de representação. As matérias surgem mediadas por estratégias recortadas, editadas e construídas para persuadir o leitor. O discurso citado (caráter polifônico) é utilizado, também, nesta matéria:

Laiene Inácio, de 19 anos, que morava em Uberaba, na Região do Triângulo, veio estudar comunicação social na capital mineira, e está insegura com relação à continuidade do curso. “Vamos ter que repor o que perdermos. Fico com medo de até perder o semestre e ter que fazer tudo de novo. Tenho medo de ficar assim ainda por muito mais tempo, desabafou”. Já Bruno Silva de Lima, de 20 anos, conseguiu finalizar o quarto período de engenharia mecânica, mas está inseguro quanto à duração da greve. O estudante disse que, se as aulas retornarem muito tarde, podem prejudicar a viagem programada que tem com a família no fim do ano, na época do natal. Giuliene Santos Gomes, de 20 anos, está no quinto período de matemática e continua indo à UFMG porque tem bolsa e faz estágio na instituição. Ela também teme que a reposição das aulas comprometa as férias.³

São apresentadas as “falas” de estudantes subjetivados enquanto vítimas da greve, já que estão com suas atividades prejudicadas. Os recortes dados às falas e os enunciados de efeitos – “desabafou”, “está inseguro”, “Ele teme”, dentre outros dizeres - reafirmam o que se pretende construir na matéria: apresentar os prejuízos da greve em detrimento dos motivos que a geraram. Ao longo da matéria são focalizados outros *Campi* do Estado de Minas Gerais. Contudo, são enfatizados o calendário atrasado e como os professores irão repor as aulas. Durante toda a matéria não são apresentadas os aspectos pelos quais reivindicam os professores em greve.

As condições de produção do jornal atuam enquanto um modo regulador do dizer neste acontecimento. *O Globo* atua como uma “polícia discursiva”, um advogado da sociedade que atua na defesa de seus direitos. Neste espaço, seriam os direitos dos estudantes que entram em jogo. Revestem-se de vítimas dos grevistas. O ficcional aqui começa a ganhar novas faces, com personagens já pré-construídas: professores/vilões x estudantes/mocinhos de uma história ressignificada pelas lentes midiáticas. O processo de discursivização é apresentado no jornal, revestido de uma narrativa cronologicamente arquitetada e articulada, típicas do fazer jornalístico, que contribui para a construção da objetividade e neutralidade dos fatos, recheados de imagens, de ditos e não ditos.

Predominou nestes dizeres de *O Globo*, o discurso voltado para o silêncio configurado na greve, que aqui seria o cerceamento dos estudantes ao negar o direito de estudar e exercer suas atividades educacionais. A sala vazia, a voz dos estudantes recortada pelo jornal, procura representar uma verdade constitutiva de efeitos de sentido, capazes de promover gestos de interpretação no leitor. As notícias da greve conforme apresenta o periódico, reproduz o ideal governamentista e se junta à voz daqueles que querem a volta das aulas, embora negue o direito daqueles que estão em greve.

³ [www.http://g1.globo.com](http://g1.globo.com)

Vigiar e punir são procedimentos do jornal neste acontecimento discursivo, pois pune quando mostra os estudantes enquanto vítimas da greve. Pune quando apresenta a imagem de uma sala vazia, ausente de alunos e professores. Pune, enfim, quando dá destaque para os prejuízos da greve e apresenta, mesmo de modo mascarado, quem seria, de fato, o culpado deste silêncio, desta “cidade-fantasma” que se tornou a UFMG. Os procedimentos de vigilância⁴ atingem o imaginário social do leitor, em mostrar uma “realidade” moldada por estratégias discursivas e ideológicas. Dentre tais estratégias observamos uma maior tonalidade para o uso da imagem enquanto produtora de sentido. As matérias passam por um processo de diagramação, projetos gráficos, edições para produzir a verdade que chega ao público. A notícia nunca chega “crua”, mas aparece numa ressignificação dos fatos. Contudo, cabe ao analista do discurso entender que o sentido sempre pode ser outro. E a verdade, não passa de uma articulação estrategicamente fabricada pelos veículos de informação.

Caminhemos, pois, pelos bastidores do telejornalismo, mais especificamente o JN (Jornal Nacional) da Rede Globo de Televisão. Fundada em 1965, a emissora é a segunda maior rede de TV comercial do mundo. Suas produções têm destaque no cenário mundial. Suas telenovelas são produtos de exportação, sendo exibidas em vários países. O uso da alta tecnologia e aprimoramento dos profissionais de vários setores da emissora, já renderam vários prêmios nacionais e internacionais. Assim, com todo este aparato tecnológico, as estratégias para promover a verdade, ressurgem de modo ainda mais marcante, pois contribuem para a instauração da credibilidade do veículo.

3.3 Movências do dizer no *Jornal Nacional*

Vejamos, agora, como o JN (exibido em 22 de maio de 2012)⁵, abordou a greve das universidades federais. Com duração de dois minutos, a matéria fala dos efeitos “nocivos” da greve:



Figura 3: Noticiário sobre a greve no JN.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=4Wn218m4zac>

O cenário projetado ao fundo com a palavra *Greve* em letras vermelhas contrastando com o azul do cenário, afirmam o caráter revolucionário do movimento, cujas tonalidades do discurso, retomam as cores da resistência, da luta.

⁴ Sobre os modos de vigilância e punição perceptíveis na sociedade, Foucault (2009, p.188), recorre ao modelo do *panóptico*, uma invenção do início do século XIX, de Jeremy Bentham. Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os menores movimentos são controlados. Isto explica a forma como os indivíduos vigiam, mas também são vigiados – “Um olho que tudo vê”.

⁵ Matéria completa disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4Wn218m4zac>

O apresentador do telejornal, William Bonner, surge com os seguintes enunciados: “E a greve dos professores das universidades federais completou hoje uma semana. Ao todo, elas têm cerca de 1 milhão de alunos matriculados”. É necessário observar que o apresentador utiliza uma entonação maior para os enunciados “professores”, e “universidades federais” e aborda a matéria com um jogo de expressões faciais e gestuais que contribuem para seu efeito constitutivo de sentido. Os dados apresentados evidenciam as consequências da greve que deixa “cerca de 1 milhão de alunos matriculados”. Ao longo da matéria, há um destaque para a UFRG (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ao informar que os alunos estão acampados, são mostradas ainda a UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em que os alunos estão estudando sozinhos. A repórter Sandra Passarinho apresenta um infográfico mostrando que 44 das 97 universidades federais do país, aderiram à greve. E como estratégia peculiar do discurso jornalístico, há uma utilização dos depoimentos, entrevistas de estudantes que falam sobre a greve. Destacam-se aqui, os estudantes Antônio Martins e Carolina Dutra que apontam os prejuízos ocasionados pela greve e se posicionam contra o movimento. E para manter a regularidade do dizer e criar um ambiente de neutralidade e imparcialidade dos fatos, o telejornal utiliza trechos da entrevista com a vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes, Sônia Lúcia, que revela o atual cenário da Educação e apresenta as reivindicações dos professores, que não estão circunscritas apenas aos salários dos professores, mas aos problemas de infraestrutura das universidades. Em algumas “faltam até mesmo papéis higiênicos nos banheiros”, constata a professora. Após a exibição das falas dos entrevistados, surge a imagem da entrevista coletiva com o Ministro da Educação Aloízio Mercadante, que expõe seu ponto de vista a respeito da greve. Para ele, a greve foi uma atitude precipitada dos professores:

Eu não vejo por que uma greve nesse momento, nesse cenário em que o Governo demonstra todo o seu compromisso para cumprir um acordo, abre negociação, temos tempo pra negociar e temos uma greve deflagrada. (JORNAL NACIONAL, 22 de maio de 2012)⁶.

Em busca de promover uma verdade e produzir gestos de interpretação em seus telespectadores, o discurso direto (quando são postos literalmente, sem cortes, a fala do ministro), revela o posicionamento da emissora (veículo ideológico), diante da greve nas universidades federais. Conforme vimos em outras matérias dos periódicos, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, o discurso jornalístico recorre à recursos estratégicos e táticos, mecanismos discursivos para recriar o evento, o acontecimento factual, que aqui, se transforma em um evento discursivo. São as imagens, os cortes dados às matérias, a atribuição da voz para o outro (alunos, professores e ministro) e as edições feitas desta voz, que funcionam para dar a impressão de que a emissora atua na imparcialidade dos fatos. No entanto, os “jogos de verdade” são percebidos no grau de relevância e organização deste dizer: a entrevista com o ministro é a última informação dada na matéria, ou seja, a “verdade” que perdura, é a verdade do Governo. Quando posta em último plano, utiliza-se uma estratégia de diálogo mais direto com o telespectador. Busca-se, pois, atingir seu imaginário social, o caráter cognitivo deste sujeito. Sua lembrança vai agir diretamente na última “fala” que foi materializada pelo telejornal. Temos um recurso manipulado na notícia, uma “isca” para o telespectador.

O JN atua semelhantemente aos demais veículos analisados, como um *panóptico* da sociedade. Evidencia o fato, polemiza o acontecimento e promove um diálogo com a

⁶ Trecho da entrevista coletiva com o Ministro da Educação Aloízio Mercadante.

opinião pública. Os dizeres não são neutros, nem objetivos, e a “verdade” aparece numa forma de representação. Constrói, assim, uma história entre sujeitos “bons” e sujeitos “maus”. Os primeiros seriam os estudantes e o Governo que veem a greve como um retrocesso a educação. E os “maus” personificam os professores que cruzam os braços e ignoram os prejuízos do movimento grevista.

A mídia é uma instância ideológica, formadora de opinião, cujos movimentos do dizer se ressignificam a cada momento, de acordo com as condições de produção. Diferentemente dos periódicos anteriores, o telejornal mantém um maior grau de interatividade com o público. O jogo de imagens que chegam de modo mais instantâneo, conta uma história imediata que não para de se mexer. (Lacouture, 2006). Eis um ponto complexo: uma sociedade que não detém de outros meios de informação, e fica sujeita apenas aos meios já cristalizados e conhecidos da Imprensa brasileira (como o jornalismo da *Rede Globo*, por exemplo), passa a produzir gestos de interpretação em consonância com a formação discursiva e ideológica desta emissora.

O JN atua nesta “cultura do espetáculo” com suas cores, sons, silêncios para não somente noticiar os fatos, mas revestido de um prestador de serviços, forma, molda e disciplina os telespectadores, ou seja, vigia e pune os “adversários do Governo” – os professores em greve.

4. Considerações finais:

O movimento grevista é assegurado como um direito do trabalhador. Uma forma de resistência condicionada pela própria legalidade. Como tal movimento atinge os setores significativos da sociedade e de fato, implica em alguns aspectos que dificultam o andamento das atividades, a greve dos professores aparece como uma ação abusiva, sem propósito, conforme defende o ministro da Educação. A mídia, compreendida como a voz da sociedade, sendo sua defensora, busca documentar este acontecimento, conforme as condições de produção de cada veículo. Neste aspecto, as verdades ressurgem de modo fragmentado, disciplinar, regimentar, conduzindo os corpos dóceis.

Os três veículos de informação apresentados aqui, “revelam” aspectos ideológicos contrários às greves e em comum acordo com os ideais governamentistas. Mostram o acontecimento factual entrelaçado de efeitos de sentido e jogos de verdade. Utilizam estratégias peculiares do fazer jornalístico como: edição de imagens, depoimentos de estudantes contrários à greve, maior tonicidade de enunciados de efeito, entrevista com os representantes do Governo. Todos estes mecanismos dão sustentação a um discurso: “Os prejuízos e consequências da greve”. O periódico *Folha de São Paulo* não focalizou a greve dos professores diretamente, mas a greve dos funcionários federais e os danos causados por eles ao protestarem na Avenida Paulista. O jornal *O Globo* atuou com um jogo de imagens que evidenciam o silêncio que neste sentido, significa o vazio, a lacuna deixada pela greve na educação – o destaque para a imagem da sala de aula vazia. O telejornal *Jornal Nacional* (Rede Globo), exerceu seu prestígio e *status* diante dos demais veículos de informação no país, para mostrar sua verdade. Para tanto, deixou em último plano a entrevista do Ministro e o ponto de vista da emissora. Mediante as reflexões dos teóricos apresentados acerca da produção de sentido na linguagem que se reveste em discursos, vemos que a mídia é constituída pelo poder e comporta seus próprios “regimes de verdade” na instância social. Quando silencia a voz dos grevistas, ou os deixam de modo secundário, procura emudecer sujeitos outros e histórias outras que não “devem” aparecer, não “necessitam” ser evidenciados nesta história midiática. Os sentidos articulados pela mídia mediante o que analisamos nas matérias assumem uma forma de punição, pois "a pena visa pôr o

culpado fora de condição de causar prejuízo, e desviar os inocentes de toda infração semelhante".(Foucault, 1997, p.28). Estas foram, pois, as táticas e estratégias de punição da imprensa escrita diante das greves que têm surgido no país nos últimos meses.

Referências bibliográficas:

- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____. *Arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *Microfísica do poder*. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- _____. *As palavras e as coisas*. 8ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 2004.
- HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. (Org). **A história nova**. 5 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003. (p.288-321).
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ed. Campinas: Cortez, 1997.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

Sites consultados:

Matéria do Jornal Nacional. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4Wn218m4zac>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1134566-protestos-de-servidores-federais-causa-lentidao-na-av-paulista.shtml>. Acesso em 15 de agosto de 2012.

Matéria do jornal O Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/08/greve-deixa-notas-pendentes-e-atrasa-calendario-em-exibido-em-22-de-maio-de-2012universidades-mineiras.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2012.